

Casos de grafismos rupestres em calcários no centro de Portugal

■ JOÃO CARLOS CANINAS

■ FRANCISCO HENRIQUES

■ ÁLVARO BATISTA

■ MÁRIO MONTEIRO

Arqueólogos, EMERITA Empresa Portuguesa
de Arqueologia
E-mail: emerita@sapo.pt

RESUMO Divulgam-se alguns casos de grafismos rupestres, de idade moderna-contemporânea, identificados em rochas ao ar livre, no âmbito de estudos de impacto ambiental de projectos localizados nos maciços calcários de Sicó-Alvaiázere e Estremenho. Incentiva-se a atenção dos investigadores para a presença de representações gráficas em suportes calcários, nomeadamente, como nos casos apresentados, em possível associação com a exploração de moinhos de vento.

ABSTRACT Some rock carving cases located in the modern-contemporary period, are disclosed, since they are identified outdoors, with the purpose to participate in studies concerning the environmental impact of certain projects located in the limestones massifs of Sicó-Alvaiázere and of Estremadura. Researchers are then motivated to consider the presence of such rock carvings in limestone holder, namely, the cases mentioned before, but also with the possible association with windmill exploration.

Introdução

Numa exaustiva e bem documentada retrospectiva sobre os estudos de arte rupestre, Mário Varela Gomes afirma que Portugal é um dos países da Europa com o mais rico acervo gráfico pré-histórico e proto-histórico (Gomes, 2002, p. 138), em comparação com a sua pequena dimensão territorial.

Contudo, são menos abundantes os grafismos rupestres, antigos, identificados em suportes calcários, imóveis, nomeadamente nos grandes maciços do Centro Ocidental de Portugal, sendo os casos mais citados, naquela região, os abrigos do Vale do Poio Novo, em Pombal (Aubry & Moura, 1990), e do Vale do Lapedo, em Leiria (Martins, 2005), ambos com figuras antropomórficas, esquemáticas, pré-históricas ou proto-históricas, inscritas mediante gravação e pintura.

Sobre idêntico substrato geológico, mas metamorfozado, refiram-se, em Montemor-o-Novo, as representações pintadas e gravadas de idade paleolítica da gruta do Escoural (Santos, Gomes & Monteiro, 1980) e, no mesmo sítio, as densas gravações que configuram o santuário exterior, já do Neolítico Final (Gomes, Gomes & Santos, 1994). Em Serpa há referência a um afloramento de mármore gravado com covinhas (Lopes, Carvalho & Gomes, 1997, p. 73) e, mais a sul, proliferam os afloramentos calcários decorados, principalmente com covinhas, em vários pontos do território algarvio (Gomes, 2002, p. 173). É óbvio que tal sub-representação dos grafismos (pré-históricos) sobre calcários se altera, significativamente, se invocarmos os numerosos suportes móveis da mesma natureza, correspondentes a menires e bétilos, identificados na região algarvia (Gomes, 1998), em particular no

concelho de Vila do Bispo (Gomes & Silva, 1987). Na região do Baixo Tejo, devem citar-se, como exemplos de gravações em suportes móveis, a anta da Pedra dos Mouros, em Belas, com duas figuras antropomórficas na face exterior de um esteio (Correia, 1972), e o pequeno menir, de grés, do Vale da Palha, em Sesimbra, gravado com covinhas e um cruciforme (Serrão, 1988).

Na Amadora foi inventariado afloramento com duas figuras antropomórficas (Miranda & alii, 1999, p. 23).

Poderá invocar-se a mais fácil meteorização de superfícies calcárias, ao ar livre, em oposição à maior resistência das rochas meta-sedimentares, para justificar a raridade, por opção de não gravação ou por desaparecimento devido a erosão natural, de grafismos mais antigos, exemplificando a sua melhor conservação em ambiente fechado, como na gruta do Escoural, ou em zonas parcialmente abrigadas, em concavidades naturais directamente abertas ao exterior, como nos casos dos abrigos de Pombal e Leiria, já citados. Contudo, o estado das representações gráficas sobre os menires, em calcário, do Algarve, de idade pré-histórica, demonstra que tal conservação é possível com elevada longevidade.

Através deste texto pretende-se alertar a comunidade arqueológica para a conveniência em pesquisar suportes calcários ao ar livre, nomeadamente aqueles que se situam nas proximidades de moinhos de vento, tirando partido da experiência adquirida em trabalhos recentes, nomeadamente, nos estudos de impacte ambiental² dos Parques Eólicos da Serra de Sicó, do Parque Eólico da Videira e da Pedreira do Vale da Relvinha.

Os três casos que se apresentam (Fig. 1) são de grafismos rupestres, modernos-contemporâneos, situados em dois pontos culminantes do Maciço Calcário de Sicó-Alvaiázere, um na serra de Sicó e outro na serra da Portela (concelho de Ansião), e no Maciço Calcário Estremenho (Martins, 1949), no Cabeço da Giesteira, local inserido no Planalto de Santo António (concelho de Santarém).

Por razões de segurança não se indicam as coordenadas geográficas das rochas gravadas aqui caracterizadas nem se apresentam localizações em cartografia de pormenor. A sua identificação está documentada em relatórios aprovados pelo Instituto Português de Arqueologia, arquivados nos seguintes processos: Serra de Sicó, no processo 2003/1(194) relativo aos Parques Eólicos da Serra de Sicó; Serra da Portela, no processo 2003/1(566) relativo ao Parque Eólico da Videira; Cabeço da Giesteira, no processo 2002/1(217) relativo à Pedreira do Vale da Relvinha.

Embora sejam de idade recente e excedam largamente o espectro cronológico da *I Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-História e Proto-História*, optámos por apresentar estes casos como incentivo a uma busca mais persistente de grafismos rupestres em suportes calcários, independen-

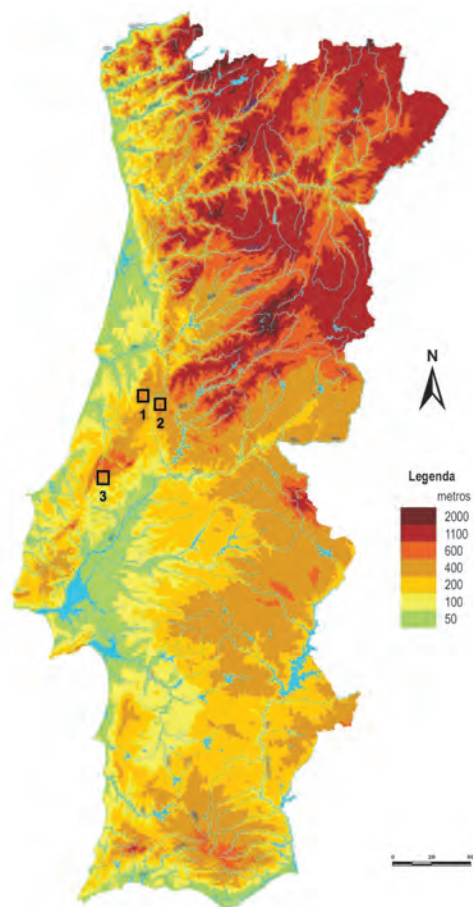


FIG. 1 – Localização dos sítios da Serra de Sicó (1), Serra da Portela (2) e Cabeço da Giesteira (3), em extracto de Mapa Hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em www.guiadeportugal.pt).

temente da sua idade. Por outro lado, entendemos que as representações gráficas, rupestres, de períodos históricos devem merecer uma maior atenção da investigação arqueológica.

Na elaboração deste texto contámos com úteis indicações e sugestões dos arqueólogos Guilherme Cardoso e Antonio González Cordero e dos professores José d'Encarnação e Mário Varela Gomes, cuja disponibilidade muito agradecemos.

Caracterização

Os painéis gravados que apresentamos estão ao ar livre, totalmente desprotegidos face aos agentes atmosféricos, em superfícies horizontais, ou levemente inclinadas, de afloramentos calcários, situados em posições topográficas culminantes. Os grafismos são de difícil reconhecimento, por estarem camuflados pela erosão natural do suporte e pela escassa profundidade dos sulcos. Na serra da Portela o sucesso da identificação deveu-se a condições de iluminação natural muito favoráveis. Contudo, na serra de Sicó observaram-se avivamentos recentes numa figura.

As rochas gravadas situam-se junto de ruínas de moinhos de vento. Na serra de Sicó e na serra da Portela os moinhos eram de tipo rotativo (ver exemplar restaurado na Fig. 2), tendo desaparecido o engenho e a casota em madeira, restou a carreira de pedra.

Os moinhos giratórios (Oliveira, Galhano & Pereira, 1983) distribuem-se pelo litoral entre Caminha e a Figueira da Foz com penetração no interior do território continental em Alvaiázere, Penela, Miranda do Corvo, Vila Nova de Ourém, Figueiró dos Vinhos e Sertã. O engenho situava-se numa casota de madeira, que girava sobre um lajeado em pedra, a “carreira”.

O moinho de vento do Cabeço da Giesteira é de uma tipologia mais comum, consistindo em estrutura de alvenaria, de planta circular e corpo troncocónico. Está arruinado, não conservando nem cobertura nem engenho (Fig. 3).

O conjunto da serra de Sicó (Fig. 1, n.º 1) consiste em três rochas gravadas (Caninas & alii, 2004a), dispostos segundo os vértices de um triângulo, no centro do qual existe a carreira de um antigo moinho giratório.



FIG. 2 – Moinho giratório, restaurado, no cimo da serra da Portela (Ansião).



FIG. 3 – Moinho de alvenaria situado no Cabeço da Giesteira – Planalto de Santo António (Santarém).

O levantamento dos grafismos da serra de Sicó e da serra da Portela foi executado em período diurno, de modo expedito, com decalque em plástico cristal. No caso do Cabeço da Giesteira apresentam-se esboços obtidos a partir de fotografia.

Dos três casos que se apresentam, o da serra do Sicó é o mais interessante pela diversidade de motivos figurados, nomeadamente, antropomorfos, alfabéticos, cruzeiros, cálices, hóstias, pentagrama, suástica e inscrição.

Nos painéis 1 e 2 (Figs. 4 e 5) observa-se, em posição central, uma figura cruciforme assimétrica, com base triangular, que é usual designar como cruzeiro por analogia com uma cruz de pedra, embora não tendo, decerto, o mesmo significado daquelas construções. Este símbolo é interpretado como marca de cariz religioso, de cristianização, de afirmação de adesão ao cristianismo, ou de protecção (função apotropaica, contra entidades maléficas), em contextos históricos.

Ocorre profusamente no território continental, em aglomerados urbanos, em construções isoladas ou em afloramentos rochosos. A presença destas figuras em ombreiras de portas, de casas, é muito comum, sendo atribuída a um tempo situado entre os séculos XVI e XVIII (Balesteros, 2000; Santos, Santos & Balesteros, 2000; Balesteros & Saraiva, 2007). A sua presença em estruturas moageiras, sejam moinhos de vento (Fig. 7) ou moinhos de água (Fig. 8), pode ter as mesmas significações apontadas para os contextos urbanos. Refira-se o inventário de moinhos do Guadiana que releva este tipo de marcas (Guita, 1999, pp. 64–68).

Um ambiente mais específico é o dos eremitérios rupestres peninsulares, altomedievais, em cujas paredes foram também inscritas cruces com base ou penha (Grande del Brío, 1997).



FIG. 4 – Painel 1 da serra de Sicó.

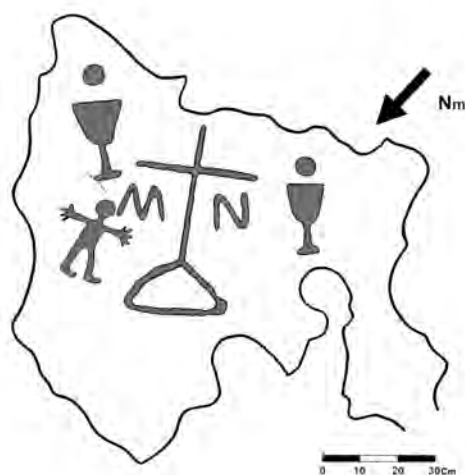


FIG. 5 – Painel 2 da serra de Sicó.

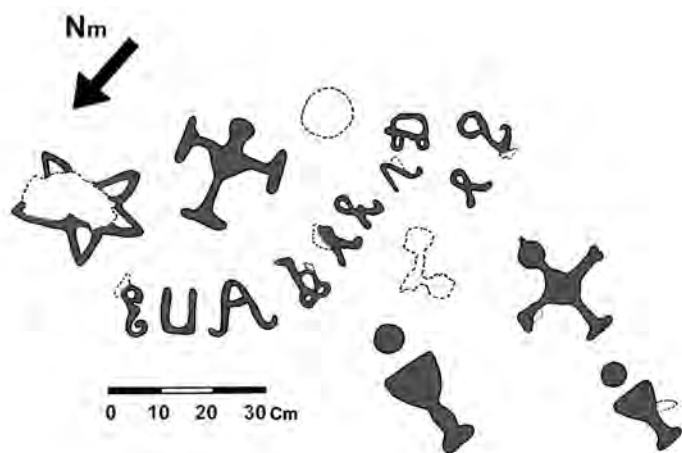


FIG. 6 – Painel 3 da serra de Sicó.





FIG. 7 – Gravação de cruzeiro sobre reboco exterior de moinho de vento do Casal da Torre de Cima, Loures (fonte: EMERITA).

Em diversos municípios do vale do Douro conhecem-se sítios idênticos, ali denominados furnas (Pinho, 1997). Observámos em 2005 uma cavidade desse tipo, a Furna do Prugaçal, junto à aldeia de Nespereira, no concelho de Cinfães, com várias cruzes assimétricas gravadas no interior.

Mas a representação destes símbolos é também recorrente em rochas ao ar livre, muitas vezes em zonas hoje despovoadas, em geral integrados em conjuntos gráficos mais complexos e mais antigos. Mas, nessas situações, os remates basais das cruzes são mais diversificados³ e a forma triangular é menos frequente. Em Arroyo Toledillo (Trujillo) a presença de uma única figura cruciforme, de base triangular, no limite de um conjunto de podomorfos e covinhas foi considerada uma adição medieval (González, 2000, 2006, p. 42). Foi diferente o entendimento acerca da antiguidade dos cruciformes, de diferentes bases, incluindo as triangulares, na Roca Grande de San Bernardino (Cuenca), a par de antropomorfos e covinhas, parte das quais ligadas por canais (Bueno & *alii*, 1998). Foi atribuída cronologia pré-histórica àquelas gravações, apropriadas como representações antropomórficas.

Partindo dos cruciformes mais simples, que remontam à Pré-História, aqueles autores (Bueno & *alii*, 1998, p. III) referem que



FIG. 8 – Moinhos do rio Ponsul (Castelo Branco), junto a Ponte da Monheca (fonte: Associação de Estudos do Alto Tejo).

estas formas simples a veces poseen adiciones de carácter geométrico, especialmente círculos o cazoletas y triángulos, tanto en su zona inferior como en su zona superior. (...) En ocasiones estas bases geométricas (que aparecen también en la simbología católica como peñas de cruz), si son triangulares se han considerado como faldas, *esquema típicamente femenino*. (...) Formas similares grabadas están documentadas en el Alto Duero, especialmente en el conjunto del Barranco de la Mata, donde son asimiladas a los triangulares de la Pintura Esquemática (...).

Um das particularidades mais interessantes do conjunto da serra de Sicó reside, novamente, noutro tópico de simbologia religiosa, a representação de cálices e de hóstias, nos painéis 2 e 3. No painel 2 foi gravado um par cálice/hóstia de cada lado do cruzeiro. No painel 3 (Fig. 6) foram gravados também dois pares, abaixo da inscrição que ocupa a parte central do conjunto gráfico.

O interesse destes motivos relaciona-se, em parte, com a sua, aparente, raridade enquanto gravações em pedra, seja em suporte móvel ou imóvel. Estão representados em cabeceiras de sepultura, indicando o enterramento de clérigos, por exemplo (Cardoso & Luna, 2006, p. 473) em peça proveniente do adro da igreja de Santa Maria Madalena, em Turcifal (Torres Vedras), em duas outras estelas do mesmo concelho, uma das quais originária do Castelo (Moreira, 1982), e numa outra de Estremoz (Moreira, 1991).

A primeira delas consiste numa estela discóide, de calcário, com cruz de Cristo gravada numa face e um cálice encimado por uma hóstia gravados na face oposta, atribuível aos séculos XV–XVI, segundo o arqueólogo Guilherme Cardoso. Dentro da hóstia está representada novamente a cruz de Cristo.

Quanto a ocorrências em território espanhol, Antonio González Cordero⁴ informou-nos da presença de um cálice, sem hóstia, acompanhado por cruciformes, incluindo os de base triangular, na parede de um abrigo do rio Manzanares, perto de Ségovia (Gómez, 1992, p. 178).

A tipologia dos cálices é distinta nos três casos citados. Na cabeceira de sepultura de Torres Vedras está figurada uma peça de simetria vertical, com recipiente e pé de secção triangular e idêntica dimensão. No abrigo 8 do rio Manzanares foi representada uma taça de pé triangular cujo recipiente é mais largo do que alto. Os exemplares da serra de Sicó aproximam-se dos modelos actuais, consistindo em copo alto de pé aplanado.

Outro tema impressionante corresponde às representações antropomórficas, semi-naturalistas, em perspectiva distorcida, com mãos abertas e os pés indicando o sentido do movimento. São pequenas figuras, totalmente escavadas, tal como os cálices e as hóstias e que não comportam, por isso, detalhes anatómicos ou de vestuário. No painel 1 existem duas figuras afrontadas, à direita do cruzeiro, e no painel 2 foi apenas representado um antropomorfo, à esquerda da cruz.

Figuras humanas com mãos figuradas, abertas, por vezes desproporcionadamente grandes, são um tópico relevante na interpretação de conjuntos gráficos sobre pedra, seja em abrigos, ao ar livre ou sobre monólitos. A orientação dos braços é um dado significativo. Braços paralelos ao tronco, com mãos voltadas para o chão, por vezes em corpos dispostos horizontalmente, indicando uma situação passiva, de morte, ocorrem nas estelas funerárias do Bronze Final, por exemplo de Magacela, Funte de Cantos, Esparragosa de Lares, Ervidel II e de Ategua (Gomes, 1990, pp. 62, 69).

Mas, neste mesmo contexto, observam-se outras poses, activas, simulando movimento, na estela de Ervidel II, a caça com arco, no menir-estela de São Martinho II, ou, finalmente, em posição estática, de orante, “com braços abertos, semi-erguidos, e mãos com os dedos bem esticados”, nas peças de Figueira e Monte Blanco, representações associadas ao ciclo dos

deuses ameaçadores de origem oriental (Gomes, 1990, p. 69). Nesta última, a desproporção das mãos, em relação ao corpo, tem diversos paralelos ao ar livre⁵. Num contexto distinto, vamos encontrar uma figura humana de braços esticados e levantados, com mãos de três dedos, numa das faces de uma cabeceira de sepultura de Torres Vedras (Igreja de Nossa Senhora da Luz, Carvoeira), que segundo os autores evoca Santo André crucificado (Cardoso & Luna, 2006, p. 474), datável entre os séculos XII e XIV⁶.

As figuras humanas representadas na serra de Sicó, bem proporcionadas e de execução cuidada, sugerem movimento, cujo carácter não se poderá dissociar do simbolismo religioso que domina os conjuntos gráficos onde aquelas se inserem. Quanto à postura e ao estilo, mais naturalista, estas figuras podem aproximar-se das que estão gravadas na rocha 1 do Xorxo (Santos & Baptista, 2011), na serra do Açor, que integra o mesmo alinhamento montanhoso de Sicó. Mas, para além de diferenças estilísticas, a atitude destas é estática, se atendermos à orientação dos pés.

O pentagrama, em posição invertida, marca presença no painel 3. A ocorrência deste símbolo apotropaico (exceptuando, talvez, o uso como marca de canteiro) é muito comum, nos mais variados suportes (pedra, madeira, tecido), contextos e épocas, desde a Pré-História Recente até à actualidade (Coimbra, 2005, 2008), isoladamente⁷ ou adicionado a conjuntos gráficos, alguns anteriores, no caso de rochas ao ar livre. É talvez uma das figuras geométricas cuja gravação é mais estimulante, se atendermos ao desafio que representa acertar o fim do sulco com o ponto de início da sua gravação. A sua longevidade não contribui para precisar a cronologia do conjunto onde se insere. A suástica, que se apresenta com braços arqueados no painel 1, é outra representação de forte simbolismo. A conotação religiosa deverá excluir-se no caso do seu uso em marcas de canteiro, como ocorre, por exemplo, nos castelos de Penamacor (Nunes, 2005, p. 223) e do Sabugal (Robalo, 2009, p. 49), ou como elemento decorativo na arte popular. Tal como o pentalfa, a suástica tem uma longa vigência cronológica, desde a Proto-História (Coimbra, 1999) até à actualidade, embora seja mais incomum o seu uso contemporâneo, circunstância que poderá explicar a nossa estranheza quanto à sua presença no conjunto em estudo. Na serra de Sicó ambas as figuras estão posicionadas na extremidade esquerda dos respectivos conjuntos gráficos. Pentalfa e suástica também convivem, por exemplo, na Laje da Fechadura (Sertã), com a suástica a integrar uma inscrição pré-latina, atribuída ao século II–I a.C. (Batata, Coimbra & Gaspar, 2004, p. 27).

Quanto às representações alfabéticas temos três situações, aparentemente, distintas: uma letra isolada, um A, no painel 1; duas letras, um M e um N, a ladear figura central, o cruciforme com base triangular, no painel 2; uma inscrição, no painel 3.

Não nos iremos deter na compreensão da inscrição, por carecer de um novo levantamento, face às dúvidas surgidas na identificação das letras (cursivas) que integra. As letras M e N que figuram no painel 2 podem ser iniciais (abreviaturas) de um antropónimo. Finalmente, a letra A⁸, individualizada no painel 1, merece alguns comentários. Excluindo o facto de ser a primeira letra do alfabeto, dito romano, e, desse modo, a primeira que nos ocorre quando pensamos em letras, é muito curiosa, e inexplicável, a sua tão frequente presença em rochas gravadas ao ar livre⁹. A forma cursiva do A tem paralelos no século XIX¹⁰. Também muito curiosa é a presença das mesmas letras acima referidas (A, M e N), incisas no painel 3 do abrigo do Vale do Poio Novo, em Pombal (Aubry & Moura, 1990, est. 14), a par de figuras antropomórficas mais antigas. De facto, estão ali presentes, um A, por cima do nexa entre um N e um M. No painel 4 do Vale do Poio Novo, os autores admitem ver outras figuras antropomórficas que, ao invés, poderão ser letras em sequência: ACA.

Finalizamos com referência a duas figuras cruciformes presentes no painel 3. Os “braços” da estrutura cruciforme têm remates transversais como, por exemplo, no cruzeiro da Fig. 8,

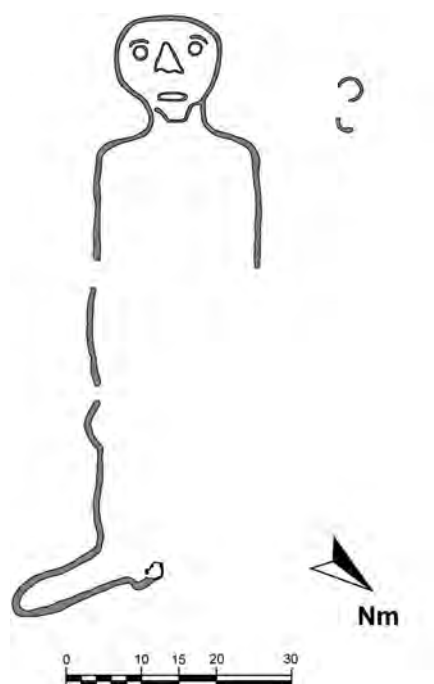
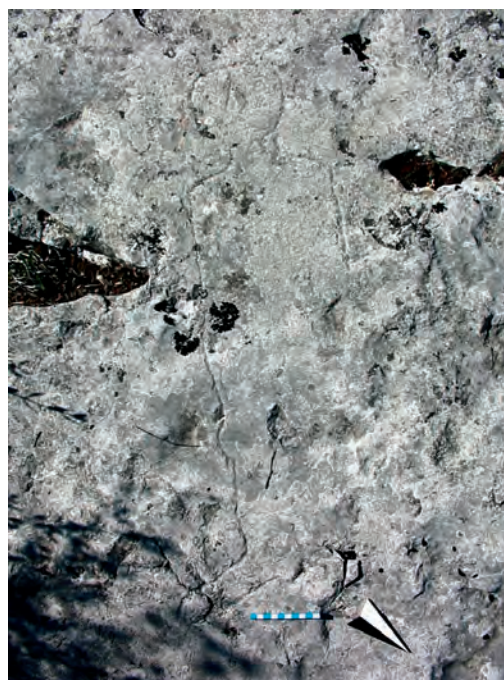


FIG. 9 - Gravura antropomórfica da serra da Portela.



ou no cruciforme da rocha 2 da Botelinha, em Alijó (Lima, 2009, p. 129). A base não é triangular como nos cruzeiros ali representados mas aplanada, como os pés dos cálices. A parte central da figura cruciforme forma um corpo subtriangular ou losangular e o remate superior, arredondado, simula uma cabeça. Diríamos que o gravador iniciou o desenho de um cálice e hóstia e optou por diversificar a iconografia finalizando uma figura híbrida de antropomorfo, cruzeiro e par cálice-hóstia.

O segundo sítio do maciço de Sicó-Alvaiázere que é objecto desta notícia fica na serra da Portela (Fig. 1, n.º 2, Fig. 9), onde se identificou um antropomorfo incompleto (Caninas & alii, 2004b), discretamente gravado em afloramento térreo, nas proximidades da carreira de um moinho de vento¹¹ (Fig. 10). Está representada uma cabeça, com olhos, sobrancelhas, nariz, boca e queixo, só faltando as orelhas. O tronco está representado sem braços. Dos membros inferiores, está apenas insculpida a parte frontal da perna direita, com marcação de joelho e um pé calçado numa bota.

O contraste, flagrante, entre o grau de detalhe expresso na representação da cara e o estado incompleto da representação do restante corpo, sugerem tratar-se de um desenho incompleto.

Apresentam-se, finalmente, os grafismos rupestres do Cabeço da Giesteira (Fig. 1, n.º 3, Figs. 11, 12 e 13), local situado no Maciço Calcário Estremenho. Consistem em três conjuntos gravados por picotagem e abrasão, em painéis horizontais, sobre afloramento rochoso (Monteiro & Caninas, 2006), nas proximidades de um moinho de alvenaria.



FIG. 10 - Carreira de moinho situada nas proximidades da gravura da serra da Portela.

Este conjunto é de génese mais recente — algumas representações estão datadas — e tem uma temática distinta dos casos anteriores, exceptuando o omnipresente pentalfa. Os grafismos maioritários correspondem a abreviaturas de nomes (AB, SF, MDM e ALB), como fórmulas de posse ou de presença, duas das quais associadas a datas e uma delas com indicação de hora. Estão também representados dois vasos com flores. Interessante é a possibilidade, sugerida por Guilherme Cardoso, do desenho dos vasos floridos e da gravação do pentalfa

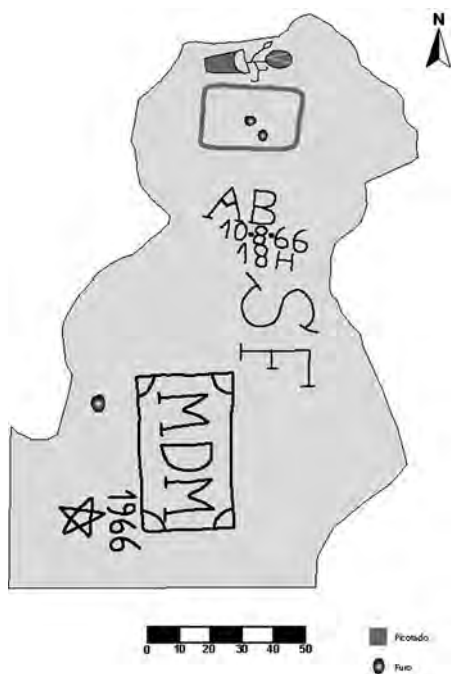


FIG. 11 – Painel 1 do Cabeço da Giesteira (esboço obtido a partir de fotografia).



FIG. 12 – Painel 2 do Cabeço da Giesteira (esboço obtido a partir de fotografia).



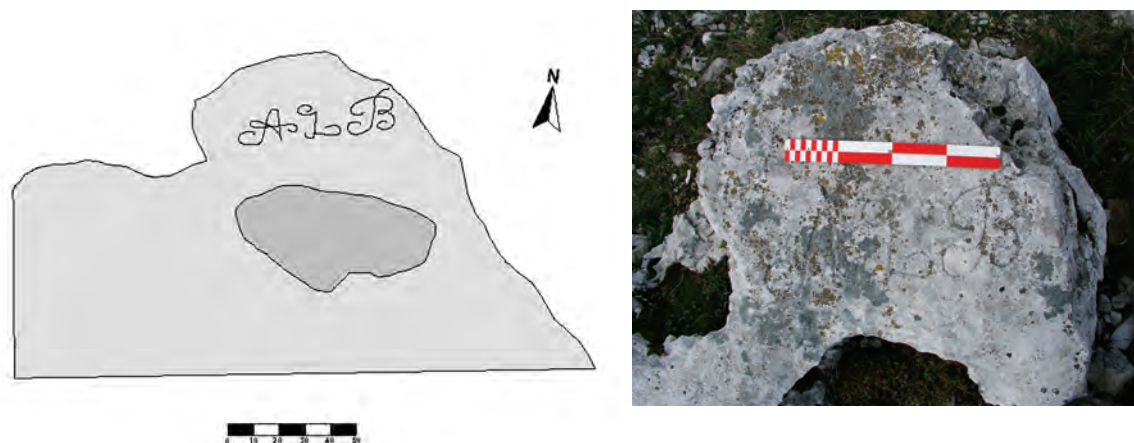


FIG. 13 – Painei 3 do Cabeço da Giesteira (esboço obtido a partir de fotografia).

poderem reflectir a tradição de “pintar e cantar os Reis”, ainda activa nas povoações da serra de Montejunto, nos concelhos de Alenquer e do Cadaval, dada a coincidência dos temas¹².

O cruciforme parece deslocado neste conjunto, até pelo modo como está gravado, e ou tem função apotropaica ou indica marca de termo, talvez mais antiga.

Considerações finais

Nos três casos apresentados e tendo em consideração a adjacência das rochas gravadas a moinhos de vento, parece-nos plausível atribuir a feitura dos grafismos rupestres aos respectivos moleiros. A construção da carreira de moinho giratório, no interior do espaço triangular definido pelas posições das três rochas gravadas da serra de Sicó, parece indicar a sua anterioridade em relação àquelas. A cronologia destas construções não é fácil de estabelecer mas pode perspectivar-se o seu balizamento entre o século XVIII e meados do século XX¹³.

O estabelecimento de uma cronologia para estas produções gráficas está documentado no Cabeço da Giesteira. Nos casos da serra de Sicó e da serra da Portela arriscaríamos o século XIX, mas será conveniente explorar a via da pesquisa documental acerca da instalação de estruturas moageiras naquelas áreas.

Por outro lado, a compreensão destes tipos de manifestações, ao ar livre, precisa de ser sustentado num estudo mais alargado das gravações, ditas grafiticas, presentes em edifícios históricos, cujo potencial de conhecimento¹⁴ está bem evidenciado no estudo das cisternas do castelo islâmico de Monsalud (Gilotte & González, 2002), em Badajoz, temática que tem sido desenvolvida sobretudo no Levante espanhol e nas Ilhas Baleares.

As motivações subjacentes a tais manufacturas podem ter sido distintas. No caso do Cabeço da Giesteira a gravação terá natureza lúdica¹⁵ e o sentido compositivo é reduzido, verificando-se a adição de sucessivas figuras. No caso da figura solitária da serra da Portela o sentido é enigmático face à escassa informação disponível. Já o conjunto da serra de Sicó tem de ser interpretado de outro modo, quiçá denotando a religiosidade do gravador. Neste caso é óbvio o cuidado posto na organização das composições e na sua execução.

Poderá ser considerada excessivo e inconsequente o exercício de busca de analogias gráficas para o conjunto da serra de Sicó. Contudo, para além de um objectivo pedagógico, pretendemos motivar outros arqueólogos a olharem, no futuro, com maior atenção, os afloramentos calcários, ao ar livre, e principalmente aqueles que se situam na vizinhança de moinhos de vento.

- ¹ Tradução de Catarina Mesquita.
- ² Agradece-se às empresas ProSistemas - Consultores de Engenharia SA, ProceSl - Engenharia Hidráulica e Ambiental Lda e Visa Consultores SA a oportunidade que nos deram de participar nos estudos onde se obtiveram os dados agora apresentados.
- ³ Ver por exemplo os quadros tipológicos do Gião, em Gomes, 2002, p. 147, da região de Viseu, em Silva, 1978, p. 177, ou de Sória, em Gómez, 1997, p. 652.
- ⁴ Este investigador referiu-nos a presença do mesmo motivo em igrejas espanholas renascentistas e de épocas posteriores.
- ⁵ Citem-se como exemplos, Bregada X, em Pampilhosa da Serra (Batata & Gaspar, 2009), La Vegacha del Roza, nas Hurdes (González, 1999), Vale da Casa 10, no rio Douro (Baptista, 1999, p. 175), ou o Penedo do Matrimónio, em Montalegre (Bettencourt & alii, 2004), associados, conforme as opiniões, a rituais de oração, de dança e de fertilidade. Também podemos ver mãos grandes no antropomorfo gravado em esteio da anta da Pedra dos Mouros, Sintra (Correia, 1972). Fig.s proporcionadas, de braços levantados e esticados, também ocorrem ao ar livre, por exemplo na Abelheira, na serra do Açor (Santos & Baptista, 2011).
- ⁶ Informação que se agradece ao arqueólogo Guilherme Cardoso. A cruz de Santo André tem a forma de um X.
- ⁷ No trabalho relativo a cabeceiras de sepultura de Torres Vedras, já citado (Cardoso & Luna, 2006), o pentalfa tem elevada representatividade, marcando presença em 27% das faces gravadas (84 faces em 45 peças).
- ⁸ Em contextos modernos o A pode ser a abreviatura da palavra ano (Sousa, 1983, p. 45), mas não é o caso.
- ⁹ Seria fastidioso inventariar tal ocorrência mas não resistimos a citar alguns casos, como em San Cristóbal, Cáceres, associado a cruzes e círculos (González & Barroso, 2003, p. 112), ou em Cancho Castillo, Cáceres, a par de outros alfabetiformes (González, 2008, p. 144). O A de Cancho Castillo é de estilo idêntico ao A do painel 1 da serra de Sícó.
- ¹⁰ Agradecemos ao arqueólogo Guilherme Cardoso os exemplos indicados num mapa da Amoreira (Cascais) de 1842 e numa carta de 1810 referente a Alcabideche.
- ¹¹ Esta base corresponde à posição meridional de um conjunto de estruturas moageiras do mesmo tipo alinhadas ao longo da cumeada da serra na direcção SO-NE.
- ¹² Sobre o tema, consultar os sítios www.cm-cadaval.pt, www.oesteonline.pt e o n.º 33 (Janeiro de 2011) da Revista Municipal do Cadaval.
- ¹³ “As indicações mais antigas que encontramos, inseridas ou gravadas, nas suas portas ou mastros, não são anteriores a meados do século passado; mas é fora de dúvida que muitos deles devem ser anteriores a essa data, e de facto conhecemos alguns não datados que, sem receio de errar, se podem considerar construções setecentistas” (Oliveira, Galhano & Pereira, 1983, p. 249).
- ¹⁴ “Ya hemos adelantado que el estudio de los grabados sobre paredes de edificios de época histórica pueden ser de gran utilidad para corregir las dataciones de aquellos conjuntos que abarcando la misma panoplia de símbolos, al hallarse en cuevas, abrigos o rocas al aire libre, se valoran automáticamente como producciones prehistóricas, algo muy común incluso en el tiempo presente a pesar de las continuas llamadas a la reflexión para avanzar en la clarificación del problema” (Gilote & González, 2002:268).
- ¹⁵ Como lúdica é a gravação de bases de jogos, como no caso do alquerque de 12 e do jogo dos 3 em linha junto do Moinho do Pinheiro, na ribeira de Valverde, em Montemor-o-Novo, do fim do século XIX ou início do século XX (Carreira, Alberto & Fernandes, 2004, p. 18).

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AUBRY, Thierry; MOURA, Helena (1990) - Redinha (Pombal). Subsídios para a carta arqueológica da freguesia. *Conimbriga*. Coimbra. 29, pp. 5-37.
- BALESTEROS, Carmen (2000) - Marcas de cristianização nos núcleos urbanos antigos de Alpalhão e Valência de Alcántara (Cáceres). *Ibn Maruan*. Marvão. 9-10, pp. 391-416.
- BALESTEROS, Carmen; SARAIVA, António (2007) - *Marcas mágico-religiosas no centro histórico da Guarda*. Guarda: Agência para a Promoção da Guarda.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) - *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- BATATA, Carlos; COIMBRA, Fernando Augusto; GASPAR, Filomena (2004) - As gravuras rupestres da Laje das Fechaduras (concelho da Sertão). *Revista de Portugal*. Vila Nova de Gaia. 1, pp. 26-31.
- BATATA, Carlos; GASPAR, Filomena (2009) - *Carta arqueológica do concelho de Pampilhosa da Serra*. Pampilhosa da Serra: Câmara Municipal.
- BETTENCOURT, Ana Maria S.; SANCHES, Maria de Jesus; DINIS, António; CRUZ, Carlos S. (2004) - The rock engravings of Penedo do Matrimónio, in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (northern Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 6, pp. 61-82.

- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo de; DÍAZ ANDREU, Margarita; ALDECOA QUINTANA, Amparo (1998) - Espacio habitacional/espacio gráfico: grabados al aire libre en el término de La Hinojosa (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:1, pp. 101-120.
- CANINAS, João Carlos; CANHA, Alexandre; HENRIQUES, Francisco; SABROSA, Armando; BATISTA, Álvaro; CARVALHO, Luís (2004a) - *Relatório sobre a avaliação do descritor património arqueológico, arquitectónico e etnológico do estudo de impacte ambiental dos parques edílicos da serra de Sicó*. Elaborado por EMERITA Lda para ProSistemas SA.
- CANINAS, João Carlos; SABROSA, Armando; CANHA, Alexandre; HENRIQUES, Francisco; HENRIQUES, Fernando Robles (2004b) - *Relatório sobre a avaliação do descritor património arqueológico, arquitectónico e etnológico do estudo de impacte ambiental do Parque Eólico de Videira (Ansião)*. Elaborado por EMERITA Lda para Procesl Lda.
- CARDOSO, Guilherme; LUNA, Isabel (2006) - Novas cabeceiras de sepultura do concelho de Torres Vedras. In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 423-477.
- CARREIRA, Adelaide; ALBERTO, Edite; FERNANDES, Lúdia, eds. (2004) - *Catálogo da Exposição Pedras que jogam. Jogos de tabuleiro de outras épocas*. Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Museu da Cidade. Lisboa: Câmara Municipal.
- COIMBRA, Fernando Augusto (1999) - A swastika durante a Idade do Ferro na faixa ocidental atlântica da Península Ibérica: uma nova proposta de interpretação. In *II Congreso de Arqueología Peninsular, tomo 3 (primer milenio y metodología)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 365-373.
- COIMBRA, Fernando Augusto (2005) - O pentagrama de Ribeira de Piscos (V. N. de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7, pp. 145-157.
- COIMBRA, Fernando Augusto (2008) - The pentagram in rock art: some interpretative possibilities. In *Proceedings of the XV World Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences (Lisbon, 4-9 September 2006)*. Oxford: Archaeopress, pp. 7-12.
- CORREIA, Vergílio (1972) - Gravuras do "dolmen" da Pedra dos Mouros (Belas). In *Obras*. Vol. 4. Coimbra: Universidade, pp. 89-91.
- CUNHA, Lúcio; ALARCÃO, Adília; PAIVA, Jorge, eds. (1996) - *O oppidum de Conímbriga e as Terras de Sicó. Roteiro*. Conímbriga: Liga de Amigos de Conímbriga.
- GILOTTE, Sophie; GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2002) - Graffiti murales de época histórica en el Castillo de Monsalud (Nogales, Badajoz). *Arqueología y Territorio Medieval*. Jaén. 9, pp. 249-288.
- GOMES, Mário Varela (1990) - O Oriente no Ocidente: testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, pp. 53-106.
- GOMES, Mário Varela (1998) - Megalitismo do Barlavento Algarvio: breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, pp. 147-190.
- GOMES, Mário Varela (2002) - Arte rupestre em Portugal: perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, pp. 139-194.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; SANTOS, Manuel Farinha dos (1994) - O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 93-108.
- GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares da (1987) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GÓMEZ BARRERA, Juan Antonio (1992) - *Grabados rupestres postpaleolíticos del Alto Duero*. Soria: Museo Numantino.
- GÓMEZ BARRERA, Juan Antonio (1997) - El problema de la autenticidad de los grabados de La Cueva Las Salinas, en San Esteban de Gormaz (Soria). In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. - *II Congreso de Arqueología Peninsular, 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce)*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 647-659.
- GONZÁLEZ CORDERO, Antonio; BARROSO BERMEJO, Rosa (2003) - El papel de las cazoletas y de los cruciformes en la delimitación del espacio: grabados y materiales del yacimiento de San Cristóbal (Valdemorales – Zarza de Montánchez, Cáceres). *Norba-Historia*. Cáceres. 16, pp. 75-121.
- GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1999) - Grabados de figuras humanas en Las Hurdes. In *Actas del Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeo de Vigo (CD-ROM)*. Vigo: Museo Municipal "Quiñones de León".
- GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2000) - Grabados rupestres en Extremadura: prólogo de una investigación. In *Pré-História Recente da Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4. Porto: ADECAP, pp. 529-546.
- GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2006) - Las posibilidades turísticas de la Comarca de Trujillo desde una perspectiva arqueológica. *Ars et Sapientia*. Cáceres. 19, pp. 27-49.
- GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2008) - De los paisajes sagrados a los espacios simbólicos: el santuario rupestre del Valle de Cancho Castillo (Peraleda de San Román). In *XV Coloquios Histórico-Culturales del Campo Arañuelo*. Navalморal de La Mata: Ayuntamiento, pp. 113-146.

- GRANDE DEL BRÍO, Ramón (1997) - *Eremitorios altomedievales en las Provincias de Salamanca y Zamora: los monjes solitarios*. Salamanca: Librería Cervantes.
- GUITA, Rui (1999) - *Engenhos hidráulicos tradicionais*. Mértola: Parque Natural do Vale do Guadiana; Instituto da Conservação da Natureza.
- LIMA, Alexandre (2009) - O Outeiro da Botelhinha – Pegarinhos (Alijó): registo e análise do conjunto de rochas gravadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 29–30, pp. 85–138.
- LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. (1997) - *Arqueologia do concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1949) - *Maciço calcário estremenho: contribuição para um estudo de geografia física*. Coimbra: Coimbra Editora.
- MARTINS, Andrea (2005) - Arqueologia cognitiva em Leiria: a arte rupestre. In *Habitantes e habitats: Pré e Proto-História na Bacia do Lis*. Leiria: Câmara Municipal, pp. 106–117.
- MIRANDA, Jorge A.; ENCARNACÃO, Gisela; VIEGAS, João C.; ROCHA, Eduardo; GONZALEZ, António (1999) - *Carta arqueológica da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal.
- MONTEIRO, Mário; CANINAS, João Carlos (2006) - *Relatório sobre a avaliação do descritor património arqueológico, arquitectónico e etnológico do estudo de impacte ambiental da pedreira Vale da Relvinha*. Elaborado por EMERITA Lda para VISA Consultores SA.
- MOREIRA, José Beza (1982) - *Cabeceiras de sepultura do Museu de Torres Vedras*. Torres Vedras: Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras.
- MOREIRA, José Beza (1994) - Algumas profissões representadas em estelas discóides portuguesas. *Cuadernos de Sección. Antropología-Etnografía*. Donostia-San Sebastián. 10, pp. 271–296.
- NUNES, António Lopes Pires (2005) - *Dicionário de arquitectura militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim Enes (1983) - *Tecnologia tradicional portuguesa: sistemas de moagem*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa.
- PINHO, Luís M. Silva (1997) - *Património arqueológico do vale do Bestança*. Cinfães: Associação para a Defesa do Vale do Bestança.
- ROBALO, Elisabete (2009) - Marcas de canteiro dos castelos do concelho de Sabugal. *Sabucale*. Sabugal. 1, pp. 39–58.
- SANTOS, André Tomás; BAPTISTA, António Martinho (2011) - Rock art in the Iberian central chain: the cases of Piódão (Arganil) and Vide (Seia). In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; CERRILLO CUENCA, Enrique; GONZÁLEZ CORDERO, Antonio, eds. - *From the origins: the Prehistory of the inner Tagus region*. Oxford: Archaeopress, pp. 161–176.
- SANTOS, Carla Sofia; SANTOS, Carla Alexandra; BALESTEROS, Carmen (2000) - Marcas de simbologia religiosa judaica cristã ou cristã-nova nos núcleos urbanos antigos de Estremoz e de Trancoso. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular UTAD, Vila Real, Portugal, Setembro de 1999: terrenos da Arqueologia da Península Ibérica*. Vol. 8, Porto: ADECAP, pp. 207–225.
- SANTOS, Manuel Farinha dos; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) - Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal). In *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 205–242.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1974) - A estação arqueológica do Vale de Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra. 1, pp. 129–154.
- SILVA, Celso Tavares da (1978) - Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 165–184.
- SOUSA, José Manuel Cordeiro de (1983) - *Apontamentos de epigrafia portuguesa*. Coimbra: Universidade.